

Professoras de educação infantil: experiências, vivências e significações musicais

*Adriane Leandra Bünchen**
*Graciela Ormezzano***

Resumo

A educação infantil tem na música uma grande aliada, pois faz parte do seu cotidiano. O objetivo deste trabalho foi realizar uma composição, numa apologia à música, pois este é o tema das experiências vivenciadas pelas pesquisadas, buscando contribuir para a compreensão da vivência musical das professoras da educação infantil no decorrer de seu ciclo vital, envolvendo as áreas pessoal e profissional. A metodologia escolhida foi de cunho fenomenológico e relata as essências encontradas nas entrevistas: música na infância, mídia, cotidiano escolar e musicalização e importância da música na vida. O relato das essências demonstrou que todas as entrevistadas possuem vivências musicais, algumas com consciência do fato, outras não, estas vindo a tê-la durante o processo. Observou-se o desejo de uma capacitação adequada para que as profissionais possam trabalhar a música com seus alunos.

Palavras-chave: Música. Educação infantil. Professora.

Prelúdio

Nesta pesquisa investigamos as experiências e vivências musicais que professoras tiveram no decorrer de suas vidas, se houve esse tipo de experiência na escola ou fora dela. Podemos afirmar que todas as pessoas têm experiências e vivências musicais, seja com músicas eruditas, seja com populares, cantigas de roda, folclóricas ou canções de ninar. No caso, pesquisamos as professoras da educação infantil que trabalham com esse nível de ensino no município de Joaçaba - SC, buscando verificar se suas experiências e vivências musicais

* Mestra em Educação pela Universidade do Oeste de Santa Catarina.

** Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo. E-mail: gormezzano@upf.br

Recebido: 18/02/2011 – Aprovado: 10/04/2011

pessoais têm relação com sua vida profissional.

Assim, procuramos responder à seguinte questão: Qual a significação da música para professoras da educação infantil em sua trajetória de vida pessoal e de que maneira suas vivências musicais são aproveitadas em sua profissão? Portanto, buscamos saber que ponte elas fazem da sua experiência musical pessoal para sua vida profissional. Entendemos por experiência musical tudo o que se refere à música, desde o primeiro contato que o ser humano teve com ela na infância, das cantigas de roda, às músicas gravadas eruditas ou populares. Também é nosso intento verificar como as professoras da educação infantil trabalham a música em sala de aula e como a sua sensibilidade musical pode se refletir no aluno.

Por que experiências e vivências? Porque entendemos que experiência e vivência não têm o mesmo significado. A vivência é viver a experiência, é vivenciar o que se passa, é imergir naquilo que se experimenta; por sua vez, experiências podem ser fatos isolados que ocorrem em nossa vida. Vivências são fatos vividos, o próprio fato de existir. Segundo Maturana (1991), a vivência compreende todo campo de experiências do indivíduo; é como se uma palavra completasse a outra.

Há muitos aspectos da música que podem ser trabalhados mesmo por quem não toca instrumentos musicais ou canta. As músicas trazem uma história da época em que foram compostas, da situação social em que vivia o compositor, seja erudito, seja popular. As próprias

cantigas ou referências folclóricas trazem aspectos contextuais e da vida das pessoas. Segundo Jeanne Bamberger, musicista e psicóloga desenvolvimental, que auxiliou Gardner (1994) em seus estudos sobre a inteligência musical, o pensamento musical envolve suas próprias regras e não pode ser simplesmente incorporado no pensamento lógico-matemático ou linguístico.

Assim, consideramos a música como uma área de conhecimento muito importante para o desenvolvimento da criança, mas a música com seus conteúdos específicos, não somente como instrumento didático para auxiliar noutras disciplinas. Numa sinfonia, os movimentos são uma variação do tema, e este trabalho foi uma composição com vários movimentos, mas todos em volta do tema: a música na vida das professoras da educação infantil, nos âmbitos pessoal e profissional.

A pesquisa não foi feita de questões fechadas, mas para delinear o trabalho algumas questões consideradas importantes para o estudo foram abordadas, enfatizando fatos do cotidiano, não somente no ensino formal, mas na vida de cada um.

A vida cotidiana não é algo “especial”, nenhum momento do qual poucos participam; ao contrário, é algo que envolve a todos e no qual todos estão presentes seja ativos ou passivos (SOUZA, 2000, p. 36).

Cada pessoa constrói sua própria história na complexidade da vida cotidiana de acordo com suas experiências. Não existem histórias idênticas; cada uma é única. Para tanto, delinearíamos

como objetivos: investigar a significação da música para professoras da educação infantil em sua trajetória de vida pessoal e verificar a maneira como suas vivências musicais são aproveitadas na profissão, apresentando uma proposta de formação continuada para professoras da educação infantil na área musical.

A vida é uma experiência única de cada ser, pois ninguém pode viver a vida de outrem, senão a sua própria, mas, apesar de cada um de nós ser único, todos estamos ligados com outros e com o mundo através das relações interpessoais. O estudo das experiências de cada um, do fenômeno, da busca da essência, chama-se “fenomenologia.”

A fenomenologia é o estudo das essências, e de todos os problemas, segundo ela, tornam a definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas também a fenomenologia é uma filosofia que substitui as essências na existência e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra forma senão a partir de sua “facticidade” (TRIVIÑOS, 1992, p. 43).

As experiências de cada professora, o modo como elas se apresentam, cada vivência, cada momento terão sua descrição e compreensão, sem pretensão alguma de analisar e encontrar explicações para cada uma delas. O fenômeno surge e o pesquisador tem a tarefa de proporcionar que isso aconteça e deixar acontecer, descrevendo-o e compreendendo-o, tendo claro que não se trata de explicar ou analisar, mas de descrever compreensivamente, para que a ação também não seja passivamente descritiva. Para tanto, como uma forma de

nortear o trabalho, tendo em vista que as entrevistas foram abertas, sem questões dirigidas, formulamos algumas questões que nortearam este trabalho:

- Quais experiências musicais as professoras tiveram durante suas vidas?
- A música exerce alguma influência sobre a vida das professoras? Qual?
- Qual é a importância da música na sala de aula, para que e como é utilizada?
- Como as professoras desenvolvem a música com seus alunos?
- A música é utilizada apenas como instrumento auxiliar para outra atividade ou tem relevância por si só no cotidiano da sala de aula?

Assim, este trabalho foi como a composição de uma sinfonia, com seus movimentos sempre em torno do tema. Para identificar as participantes da entrevista utilizamos nomes de instrumentos da orquestra escolhidos aleatoriamente:

- *Violino*, 35 anos, trabalha nas redes privada e municipal de ensino e gosta muito de ouvir música;
- *Flauta*, 35 anos, trabalha na rede privada de ensino e tem uma caminhada significativa na música, pois toca flauta e violão e canta músicas eruditas;
- *Piano*, 44 anos, trabalha na rede privada de ensino, gosta de apreciar música, tem muitas lembranças referentes à família com relação à música;
- *Xilofone*, 33 anos, gosta de músicas populares que tenham letra significativa, com alguma mensa-

gem, e é professora da rede municipal de ensino;

- *Clarinete*, 37 anos, é professora da rede estadual e tem a música como parte do seu dia a dia, pois a ouve para relaxar;
- *Viola*, 35 anos, gostaria muito de ter aprendido a tocar um instrumento musical, mas não teve condições financeiras para isso; trabalha na rede pública;
- *Harpa*, 24 anos, é professora da rede municipal e ouve música todos os dias quando volta da faculdade;
- *Fagote*, 35 anos, tem muito orgulho por seus filhos estarem aprendendo a tocar um instrumento musical; é professora da rede estadual de ensino;
- *Saxofone*, 39 anos, é professora da rede privada de ensino, estudou piano durante cinco anos na sua adolescência.

A experiência musical é um fato inegável na vida do ser humano, tanto que mesmo aqueles desprovidos da audição podem sentir as vibrações dos sons. A questão é que, dependendo da cultura de um povo, da educação, das prioridades educacionais de um país, os sons, os ritmos, a música são mais ou menos valorizados. Portanto, as experiências musicais têm mais significado para alguns e menos para outros, dependendo do destaque que lhe é dado.

Podemos focalizar as experiências musicais de forma que se tornem significativas, se a figura é o foco de interesse, e também podemos ver o fundo e o campo, como explica Schafer:

[...] foram os psicólogos fenomenológicos que apontaram para o fato de que aquilo que é percebido como figura de fundo é determinado principalmente pelo campo e pelas relações que o sujeito mantém com esse campo... A *figura* corresponde ao sinal, ou marca sonora. O *fundo* corresponde aos sons do ambiente à sua volta – que podem, com frequência, ser sons fundamentais – e o *campo*, ao lugar onde todos os sons ocorrem, a paisagem sonora (2001, p. 214).

Nessa paisagem sonora afloram as experiências musicais das entrevistadas. Algumas demonstraram na entrevista fenomenológica enxergar não só a figura, mas também o fundo, tornando a experiência mais ampla. Para compreender as informações foi necessário fazer uso da fenomenologia seguindo o método de Giorgi (1985) e Comiotto (1992). Assim, encontramos três essências e suas dimensões: música na infância; mídia, cotidiano escolar e musicalização; importância da música na vida.

Música na infância

A primeira essência aborda as lembranças e as primeiras referências musicais das entrevistadas, sendo subdividida em três dimensões: relatos de sons da infância, referência aos gostos musicais da família e lembranças das músicas infantis na escola.

Cada dimensão procura encontrar o cerne da entrevista realizada, buscando no íntimo professora suas experiências e vivências musicais. Flauta gostava de ouvir os sons dos aparelhos eletrodomésticos que havia em sua casa. Ela comentou:

Tinha máquina de lavar, uma bem antiga, que ficava funcionando boa parte da manhã enquanto eu ficava brincando lá perto da mãe. Gostava de ficar fazendo barulho, dançando e imitando o aspirador de pó, a enceradeira.

Conforme Schafer (1991, p. 73),

[...] o som corta o silêncio (morte) com sua vida vibrante. Não importa o quão suave ou forte ele está dizendo: “Estou vivo”. O som, introduzindo-se na escuridão e esquecimento do silêncio, ilumina-o.

A maioria das entrevistadas lembra as cantigas de roda como os sons que marcaram a sua infância. Piano lembra especificamente da “Gata cega” e “Ciranda cirandinha” e, “quando criança, a gente aprendeu muita música de brincadeiras que a mãe ensinava e a gente brincava com as amigas”.

O canto faz parte da cultura de um povo. No Brasil temos as cantigas de roda, que estão muito presentes na infância, e as canções de ninar, que as mães cantam para as crianças ao fazê-las dormir. É uma expressão musical que vai acrescentando à vida das crianças a experiência de ouvir música. Cantar é “uma atividade profundamente humana, cultural e social” (TAFURI, 2000, p. 27).

As entrevistadas demonstraram de diversas formas os gostos musicais da família, algumas relatando o gosto da família quando ainda eram crianças; outras, do marido, dos filhos e o seu próprio nas idades infantil, adolescente ou adulta. A mãe e o contexto cultural vivido por Flauta foram marcantes em sua vida, pois, como afirma Sekeff,

o homem é um animal social, simbólico, construtor de cultura, e o grupo é o aspecto mais importante de seu ambiente... Assim, se o comportamento humano resulta de sua constituição individual, é também alimentado do repertório cultural (pelo qual o indivíduo é construído e construtor) e da aprendizagem, o que quer dizer que ele é flexível (2002, p. 58).

A mãe de Fagote cantava canções de ninar para ela, cantava e brincava com as cantigas de roda envolvendo os seus sete irmãos. A exemplo da mãe, logo Fagote começou também a cantar para os irmãos mais velhos, atividade que lhe dava prazer. “As experiências musicais são valiosas para maturação emocional e o desenvolvimento de qualquer criança” (LELIS, 2000, p. 28).

Portanto, o ambiente cultural vivido pelas pessoas é muito importante na sua formação musical, bem como em outros aspectos. Por isso, podemos dizer que a emoção musical pode ser alimentada pela nossa sensibilidade, favorecida pela aprendizagem formal e incentivada pela cultura.

Nesse sentido, vale a pena lembrar que foi criada a Superintendência da Educação Musical e Artística (Sema) das escolas públicas do Rio de Janeiro, fundada pelo educador Anísio Teixeira. Essa instituição criou o curso de Orientação e Aperfeiçoamento do Ensino de Música e Canto Orfeônico para preparação dos educadores. Contudo, para manter um bom nível dos profissionais as exigências eram de uma boa preparação e, num país como o Brasil, em que as distâncias são enormes, as dificuldades apareceram.

Lembrar fatos ocorridos há anos nem sempre é fácil, pois nossa memória guarda apenas os fatos mais significativos de nossa existência, aqueles que nos marcaram e que fizeram alguma diferença em nossa vida. Relata Lieury:

Muito longe do conceito de que desfrutava no imaginário popular, a memória não é uma entidade única, mas fragmentada em múltiplos módulos que armazenam milhares de informações e se comunicam por interfaces e “cabos” em milésimos de segundo. Por causa dessa complexidade, a memória não é a mesma aos 7 anos ou aos 77 anos. Com o envelhecimento, os módulos estão cheios de lembranças (palavras, imagens, fisionomias), mas a morte dos neurônios acarreta esquecimentos esporádicos, o desgaste dos processos bioquímicos diminui a qualidade da memorização, os dois hemisférios do cérebro têm dificuldade de comunicar-se e as transmissões, através de cabos desgastados, de uma região para outra do cérebro tornam-se lentas (1997, p. 101).

A escola é um lugar marcante e de grandes experiências na vida da maioria das pessoas. Assim como a música está inserida no contexto familiar, está, algumas vezes mais, outras menos, na escola. Para Violino, algo inesquecível é a música:

Há três noites que eu não durmo, oh, lá, lá,
Pois perdi o meu galinho, oh, lá, lá,
Pobrezinho, oh, lá, lá
Coitadinho, oh, lá, lá.
Ele está lá no jardim.

Violino a cantou toda durante a entrevista, lembrando com saudades a

professora da terceira série, a qual ensinara essa música à turma. Ela lembra também que não pôde frequentar a educação infantil, pois somente as escolas particulares ofereciam educação para essa faixa etária. Na época, foi enviada a todos os estados brasileiros uma carta pedindo aos governadores que incentivassem a implantação das aulas de canto orfeônico no ensino formal. Alguns atenderam, mas, em razão das dificuldades já citadas, esse projeto, que era um sonho de Villa-Lobos, não pôde se concretizar. Por isso, o Brasil continuou a ficar sem as aulas de música na maioria das escolas. Esperamos que com a lei nº 11.769, sancionada em 2008, mude essa realidade.

Mídia, cotidiano escolar e musicalização

A segunda essência trata da influência da mídia e do cotidiano escolar na musicalização das pessoas na infância, tanto que agora, já na fase adulta, as entrevistadas ainda têm lembranças musicais daquilo que as influenciou musicalmente, mesmo que algumas não tivessem consciência disso. Algumas tomaram consciência de que a mídia também pode contribuir para a formação musical, ainda que informal e sutilmente. Esta essência tem duas dimensões: referência à mídia, temas trabalhados na escola e aspectos profissionais.

A mídia e sua influência na música é algo cada vez mais presente na nossa realidade, provinda da televisão, do rádio, da internet, dos celulares e de todas as tecnologias, que avançam a cada dia.

Ao contrário, no período em que nossas entrevistadas viveram a infância, o computador não era algo comum, muito menos a internet. Mesmo assim, a mídia, por meio da televisão e do rádio, fez parte da sua vida musical.

Ainda que na época em que viveram a infância e a fase escolar não tivessem consciência disso, a mídia não passou despercebida em suas vidas, pois a música não se restringe a tocar, ler partituras, cantar, mas está inserida num contexto social, agindo na vida das pessoas diariamente, mesmo que de forma sutil, na família, na escola, na mídia ou em qualquer outro ambiente social.

É no mundo social que definimos e convenciamos o que consideramos como sendo música e quais as funções e usos de determinada peça musical, seja ela de pular, de gente jovem ou para uma cena triste de novela (DEL BEN, 2000, p. 102).

A segunda dimensão desta essência são os temas trabalhados na escola e os aspectos profissionais. Assim, as professoras relatam e trazem à tona o que é trabalhado na sua sala de aula e os aspectos profissionais da sua musicalidade. As atividades que elas realizam com seus alunos mostra o modo como usam suas habilidades de ensinar e demonstram seus conhecimentos sobre o que estão trabalhando. Não se pode esquecer que as professoras estão, de uma forma ou outra, influenciando seus alunos. Afinal, a educação não é algo impessoal, mas envolve sentimentos, emoções, além de inteligências e habilidades e da influência social de cada um.

As professoras entrevistadas adotam diferentes formas de trabalhar a música com seus alunos, as quais variam conforme a segurança que cada uma tem para trabalhar com eles, pelo conhecimento que detém ao trabalhar e ao se expressar com relação à música. Esse conhecimento pode ser observado na fala de Flauta, que revela preocupação com o repertório empobrecido das crianças. Por isso, ela procura trazer uma variedade de músicas, principalmente aquelas a que as crianças dificilmente têm acesso em casa.

Contudo, precisamos insistir em educar com o uso da música por si só, independentemente de outro objetivo, aprendendo a apreciar diversos ritmos, diversas melodias, intensidades, alturas. Isso significa que haja a participação efetiva da música na escola.

Portanto, pontuar música na educação é defender a necessidade de sua prática em nossas escolas, é auxiliar o educando a concretizar sentimentos em formas expressivas; é auxiliá-lo a interpretar sua posição no mundo; é possibilitar-lhe a compreensão de suas vivências, é conferir sentido e significado à sua condição de indivíduo e cidadão (SEKEFF, 2002, p. 120).

No Brasil a música faz parte do currículo da Lei de Diretrizes e Bases em que está inserida a educação infantil (BRASIL, 1998). Mas, se é assim, qual é a formação oferecida pelas universidades às professoras da educação infantil? Em sua fala Xilofone deixou claro: “Nunca trabalhei a música em si, com objetivos específicos, porque não tive formação para isto.” Da mesma forma, Violino afirmou que não trabalha

profundamente a música por falta de conhecimento. Há cursos de pedagogia que oferecem a disciplina de Metodologia do Ensino da Música, ao passo que outros não o fazem.

Mesmo que as professoras não se sintam preparadas para trabalhar com a música em sala de aula, isso não significa que não tenham experiências musicais, pois, como relatado anteriormente na primeira essência, a música fez parte da vida de cada uma, apenas não foi aprofundada no que tange à área do conhecimento.

Importância da música na vida

A terceira essência, que trata da música na vida das professoras, possui três dimensões, que são: o desejo de tocar um instrumento; música para relaxar; significações pessoais da música. A música, como parte das vivências musicais das pessoas, acaba por ter uma importância diferente e única para cada uma, pois cada pessoa é um ser totalmente diferente de outro.

Algumas das entrevistadas mostraram um grande interesse em tocar um instrumento musical. Violino tinha vontade de aprender a tocar acordeão na infância, pois sua amiga tinha aulas deste instrumento e ela achava bonito, porém sua família não tinha condições financeiras de adquirir um violão para que ela pudesse aprender. O desejo de aprender a tocar um instrumento musical pode ser o primeiro passo para uma caminhada musical.

Se o sujeito já apresenta o desejo, é mais fácil de aproveitá-lo, pois este se

mostra claro. Contudo, o desejo latente não é a única forma de descobrir a vontade ou a identificação com um instrumento específico. Há também a possibilidade de descobrir o desejo de tocar um instrumento através da musicalização e da exploração de vários instrumentos musicais, procurando descobrir com qual há maior identificação. Os sons são encontrados não somente na música, mas na própria natureza, no corpo humano, na terra, no mar, nos pássaros, nos insetos, nas cigarras, nos animais, no campo, na cidade, no homem, na vida. “Mesmo onde não há vida, pode haver som” (SCHAFFER, 1991, p. 49).

A música também foi citada como fonte de relaxamento, tanto para as entrevistadas em sua vida pessoal como para seus alunos em suas atividades cotidianas. Harpa gosta de ouvir músicas românticas quando volta da faculdade para relaxar do dia cansativo. Ouve música por uma hora, aproximadamente, e diz que consegue dormir bem por causa do efeito exercido sobre ela.

A música influencia sobre o metabolismo, a respiração, a pressão arterial, diminui a fadiga, aumenta os reflexos; diminui as tensões, a ansiedade e eleva o estado moral (ORMEZANO; TORRES, 2002, p. 90).

Violino gosta de músicas descritas como calmas, das quais não se lembra do nome, mas deduz serem músicas clássicas. Segundo seu marido, ouvir uma música suave é bom para acalmar quando se levanta e enquanto se toma café. Então, ela, o marido e o filho, ouvem CDs de músicas instrumentais.

Para cada pessoa a significação musical aparece de forma diferente, atuando em sua vida com mais ou menos intensidade. Muitas vezes, apesar de a música estar presente na vida diária, de ter feito parte da história de cada um, a sua importância pode passar imperceptível caso não haja uma reflexão sobre isso. A mãe de Fagote cantava e brincava de roda com seus filhos, o que a marcou muito; atualmente, ela, os filhos e o marido têm uma apreciação grande pela música. Mesmo sem saber tocar um instrumento, ela diz:

A música faz parte da minha vida. Gosto tanto que meus filhos sentiram isso, consegui passar isso pra eles e eles estão aprendendo a tocar teclado e violino. É tão emocionante ouvi-los tocando, tem uma importância muito grande pra mim.

Na vida de Violino, a música foi descoberta em sua vida pessoal. Apesar de ela declarar que não tivera formação musical na entrevista, à medida que iam surgindo as questões, a expressão de alegria em seu rosto era visível e se expressou também por meio de palavras quando disse: “Então eu tenho experiências musicais? Achava que não tinha.” Por isso, explorar questões que estão implícitas é uma tarefa da fenomenologia. Quando afloraram as vivências musicais de Violino, ela se sentiu motivada a ter mais experiências nesse sentido.

Para outras entrevistadas, a significação da música tem um sentido mais profissional, como para Viola:

Eu gosto muito de usar a música com meus alunos, ela é muito importante no meu trabalho, eu não saberia dar aula sem música.

Falando do significado profissional, Xilofone diz:

A música deveria ser uma matéria específica desde a educação infantil até o ensino médio, porque se trata de algo muito importante para as crianças.

Para ela deve existir uma ponte entre o aspecto pessoal e o profissional:

Para o aluno gostar de música, ele deve sentir que o professor também gosta. É a mesma coisa com a leitura: o aluno tem que sentir que o professor gosta. Eu gosto muito de ouvir música. Quando estou sozinha em casa, o som está sempre ligado.

Portanto, cada uma de sua forma, pois as vivências e experiências são singulares, mostrou como a música tem importância para elas, para umas mais, para outras menos. O importante é que a música faz parte de suas vidas.

Poslúdio

A emoção está quase sempre ligada às vivências musicais das pessoas. Embora, por falta de conhecimento mais aprofundado, alguns pensem não terem experiências e vivências musicais, todos as têm, alguns em maior número, outros em menor, alguns de forma mais sistematizada, outros não.

Muitas foram as experiências relatadas, muitas vieram à tona no decorrer das entrevistas e algumas das professoras tiveram a oportunidade de tomar consciência de suas experiências musicais no decorrer das entrevistas.

O conhecimento musical no Brasil, infelizmente, está restrito a aulas

extraclasse, geralmente fora da escola. Por esse motivo há tanta carência de conhecimento musical, de apreciação de música de qualidade, com composições que sejam harmônicas, que soem bem aos ouvidos.

A compreensão da vivência musical das professoras de educação infantil em Joaçaba pode acontecer, concretizando os objetivos desta pesquisa. Dentre as muitas experiências e vivências surgidas, a que mais exigiu atenção foi o pedido de ajuda delas, entendido nas entrelinhas, de busca de um maior conhecimento musical para regozijo próprio e para seu uso profissional em sala de aula.

Ficou demonstrado que não houve preparo musical em sua formação profissional. Assim, com a realização da oficina e a descoberta do uso da música como música em si própria, tudo ficou um pouco mais claro; porém, seria interessante que houvesse uma continuidade desse processo. Afinal, não é este um dos principais objetivos da pesquisa: Que se compreenda a realidade para depois propor formas de como agir e melhorar o que já existe?

Buscamos mudanças, afinal, a música é movimento, não é estática; não existe música sem movimento; música é a variação dos sons, de intensidade, de altura, de ritmos. Propomos, portanto, que haja uma adaptação na grade curricular dos cursos que capacitam pedagogas de educação infantil para contemplar a música, a fim de cultivar a cultura e o desenvolvimento pessoal que essa área pode trazer.

Ao longo da composição, deparamo-nos com sinais de repetição, apo-

giaturas, colcheias, fusas, semifusas, semibreves, mordentes, pausas; porém, como a composição é obra do compositor, tudo passou a ter sentido e harmonia no momento da execução. Afinal, são essas diferenças de tempo, intensidade e altura que dão beleza ao trabalho, num movimento constante, afinal, é música.

Child education teachers: experiences, backgrounds and musical significations

Abstract

Child education finds a great aid in music, as it is part of children's everyday life. This study is aimed at producing a composition, in an apology to music, as such is the theme of the experiences the subjects investigated have had, so as to contribute to the understanding of the musical experiences of elementary education teachers throughout their lives, involving both private and professional areas. A phenomenological methodology was chosen, reporting the essence found in the interviews: music in childhood, media, school routine and musicalization and the importance of music in life. The observation of the essences has shown that all subjects have had musical experiences; whereas some are aware of it, others are not, with the latter acquiring it throughout the process. The teachers' longing for proper training to explore music with their pupils was shown.

Key words: Music. Child education. Teacher.

Referências

- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Coordenação Geral de Educação infantil. *Referencial Curricular Nacional para a Educação infantil*. Brasília, 1998. v. 1, 2 e 3.
- COMIOTTO, Mirian S. *Adultos médios: sentimentos e trajetória de vida*. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992.
- DEL BEN, Luciana. Ouvir-ver música: novos modos de vivenciar e falar sobre música. In: SOUZA, Jussamara (Org.). *Música, cotidiano e educação*. Porto Alegre: UFRGS, 2000. p. 91-106.
- GARDNER, Howard. *Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- GIORGI, Amedeu. *Phenomenology and psychological research*. Pittsburgh: Duquesne University Press, 1985.
- LELIS, Cláudia M. C. A educação musical especial e a musicoterapia. In: ENCONTRO DA ABEM, IX. *Anais...* Belém, set. 2000. p. 27-32.
- LIEURY, Alain. *A memória do cérebro à escola*. São Paulo: Ática, 1997.
- MATURANA, Humberto R. Ciência e cotidiano: a ontologia das explicações científicas. In: WATZLAWICK, Paul; KRIEG, Peter. *O olhar do observador*. Campinas: Whorkshopsy, 1991. p. 163-198.
- ORMEZZANO, Graciela R.; TORRES, Maria Cecília A. R. *Máscaras e melodias: duas visões em arte e educação*. São Miguel do Oeste: Arco Íris, 2002.
- SCHAFER, R. Murray. *O ouvido pensante*. São Paulo: Unesp, 1991.
- SCHAFER, Murray. *A afinação do mundo*. São Paulo: Unesp, 2001.
- SEKEFF, Maria de Lourdes. *Da música, seus usos e recursos*. São Paulo: Unesp, 2002.
- SOUZA, Jussamara. A experiência musical cotidiana e a pedagogia. In: SOUZA, Jussamara (Org.). *Música, cotidiano e educação*. Porto Alegre: UFRGS, 2000. p. 33-44.
- TAFURI, Johannella. O desenvolvimento musical através do canto na etapa infantil. In: ENCONTRO DA ABEM, IX. *Anais...* Belém, set. 2000. p. 53-68.
- TRIVIÑOS, Augusto N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais*. A pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1992.